

ECOS DE RENÉ MARAN NA *INTELLIGENTSIA* BRASILEIRA (1921-1955): CONTATOS, RECEPÇÃO E TRADUÇÃO

Dennys SILVA-REIS*

RESUMO: René Maran foi o primeiro literato negro a alcançar sucesso em língua francesa. Sua fama e suas obras ecoaram no Brasil no início do século XX, mas foram esquecidas posteriormente. A partir disso, o presente artigo pretende mostrar como se deu essa repercussão do escritor negro no Brasil, bem como destacar seu legado. Dessa forma, apresenta-se qual a relação de René Maran com a *intelligentsia* do país, como foi a recepção da obra *Batouala* (1921) e de que modo se deu a receptividade da primeira tradução em língua portuguesa do autor: *Djumá, cão sem sorte* (1934). Almeja-se, assim, evocar como uma francofonia literária democrática pode ser um caminho mais ético.

PALAVRAS-CHAVES: René Maran. *Intelligentsia* brasileira. Recepção. Contato. Tradução.

Introdução

René Maran (1887-1960) é uma importante personalidade literária do início século XX. Escritor de uma literatura produzida no Entre-Guerras (1914-1950), será o primeiro negro a ganhar destaque no mundo das Letras Francesas com o prêmio Goncourt, o mais prestigiado da língua francesa. Entretanto, é extremamente notório como sua literatura foi apagada da História Literária Francesa e também da História Literária Francófona. O destaque alcançado com a premiação de *Batouala* (1921)¹ trará à tona a escrita negra em francês, mas igualmente a condição do corpo negro em muitas ex-colônias francesas, bem como o paradoxo de um funcionário colonial anticolonialista.

* UFAC - Universidade Federal do Acre. CELA – Centro de Educação, Letras e Artes. Rio Branco - AC - Brasil. 69920900 - reisdennys@gmail.com

¹ Confira Maran (1921).

O Brasil, que, desde o século XIX, é bastante influenciado pelas Letras Francesas vive a repercussão da *Belle Époque* parisiense com a expansão urbana, o uso de novas tecnologias, novos conhecimentos científicos e novas tendências artísticas (LIMA, 2019). A *Belle Époque* brasileira termina em 1922, com a Semana de Arte Moderna. Esse período será de grande efervescência cultural nas artes plásticas, na arquitetura, no urbanismo, na moda feminina e na Literatura. Todavia, tal agitação se dá nos moldes franceses. A França será o grande exemplo de civilização cultural. Nesse bojo, René Maran, apesar de francês, escreve sobre uma França desconhecida até então: colonizadora, opressora, imperialista, racista.

Considerando que os modismos franceses, em especial o literário, sempre ecoavam no Brasil, convém perguntar como se deu essa recepção de René Maran. Hoje, tal reflexão é necessária por dois motivos: (1) no Brasil, emerge cada vez mais a literatura negra, representativa de grande parte da população, e a origem desse tipo de literatura está fundamentalmente associada aos ecos europeus – neste texto, especialmente, ao eco francês; (2) com a crescente via dos Estudos Literários Francófonos, ainda recente no Brasil, é essencial uma retrospectiva ou um levantamento histórico desses trabalhos, a fim de se fazer um estado da arte que possa direcionar lacunas a serem preenchidas, assim como erros de percurso, equívocos e acertos. Ao se pensar nesses dois pontos, pode-se observar qual francofonia é praticada, foi exercida e merece ser cultivada no Brasil.

Com vistas a alcançar o objetivo deste artigo, percorrem-se periódicos da época (1921-1955) – graças à *Biblioteca Nacional Digital*² –, bem como fontes bibliográficas que se referem a René Maran e às suas obras. Há de se considerar que é um trabalho inicial, visto que as fontes são escassas e bastante dispersas. Na medida do possível, será trazido à tona o contexto de cada uma das fontes e como elas ajudam a interpretar uma certa visão sobre a personalidade de René Maran e a literatura maraniana. O percurso aqui proposto se dá, inicialmente, com a relação dos intelectuais e artistas brasileiros com René Maran; em seguida, a respeito da recepção de *Batouala* no Brasil e, por fim, quanto à tradução do romance *Djumá - cão sem sorte* (1934)³.

² Todos os periódicos foram consultados entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022. Confira Biblioteca... (2021).

³ Confira Maran (1934).

A *Intelligentsia* brasileira e René Maran

Até onde se sabe, René Maran nunca esteve no Brasil como outros autores negros de língua francesa (por exemplo, René Depestre [1926] e Léon-Gontran Damas [1912-1978]). Porém, artistas e intelectuais brasileiros souberam da existência do romancista por meio de seus escritos. Uma pintora que teve contato direto com o escritor foi Tarsila do Amaral. Em suas *Recordações de Paris* (1952), ela mesmo relata:

Muchos son los recuerdos de París. Extiendo el pensamiento por las galerías de arte; veo, en la Rue La Boétie, el taller de Picasso, donde estuve por primera vez ante un bellissimo Rousseau, que el maestro conservaba cariosamente. Veo la librería de Adrienne Monnier, donde se encontraba, casi diariamente, un grupo de intelectuales vanguardistas. Allí fue donde conocí a Léon Paul Fargue. En los cafés literarios me fueron presentados René Maran, muy apegado a Cendrars, Breton y los adeptos del surrealismo. (AMARAL, 2009, p.49).

Tarsila, em sua estadia na França, recebeu muitos artistas e escritores em sua galeria. René Maran, assim como muitos intelectuais, literatos e artistas, visitou-a. Foi possivelmente na galeria da pintora que Oswald de Andrade (1890–1954), Menotti Del Picchia (1892–1988), Anita Malfatti (1889-1964) e Di Cavalcanti (1897-1976) tiveram contato com o escritor guianense. Convém mencionar que o apreço pelas artes negras era algo que unia os escritores, pintores, ilustradores e gravuristas em torno de Maran (MALELA, 2008). Tanto Tarsila quanto Malfatti e Di Cavalcanti têm trabalhos plásticos relacionados à representação da população negro-brasileira urbana e rural.

Em Paris, Maran não passava despercebido. Além disso, logo que se tornou famoso, todos queriam saber como era o escritor. No *Diário de Pernambuco* de 30 de novembro de 1923, há a seguinte nota na seção “Varias”:

João Grave traça assim numa correspondência o perfil do escritor René Maran: “Além de tudo o mais, René Maran possui qualidades que haviam de torna-lo justamente notado num meio como Paris onde se acolhe, entre sonoras aclamações, tudo quanto é extraordinário e bizarro. Usa lunetas que incendeiam de brilho os seus olhos myope: a risca que lhe separa o cabelo curto e frisado em duas metades perfeitamente simétricas, é irreprehensível: sorri a todo instante para mostrar aos olhos deslumbrados do publico trinta

e dois dentes do mais puro e imaculado esmalte que tenho visto; áta o nó da gravata com um requinte de que não seria capaz o diplomata luso Sotto-Mayor; os seus colarinhos são duma alvura que contrasta finamente com o ébano do seu pescoço! Depois, é um autor do livro que se notabilizou, com tanta felicidade, tiram-se edições sucessivas; faz um sucesso louco, nos grandes “boulevards” e quando passa, olympico, altivo como Barbey D’Aurévilly, com uma rosa fresca na botoeira, ouvem-se vozes murmurando em surdina: - “Este é que é o eminente René Maran!” [*sic*] (DIÁRIO..., 1923, p.3).

A publicação dessa carta dois anos depois do sucesso de público de René Maran em um jornal semanal mostra o quanto a curiosidade sobre o autor era perene no Brasil nos anos 1920. Ao mesmo tempo, percebe-se que a descrição do jornalista e correspondente português João Grave (1872-1934) revela, de certa forma, a admiração de ver um escritor negro ser aclamado e reconhecido, assim como tantos outros escritores brancos franceses. O retrato de Grave também nos traz à tona o quanto Maran era francês – sua vestimenta e comportamento de escritor são fortemente evocados na carta.

Embora a correspondência de Grave seja extremamente respeitosa, não é difícil ler nos jornais e revistas da época termos como “preto”, “escritor de cor”, “negro” para se referir a Maran como autor francês não branco. Tais constatações comprovam o quanto um autor negro estrangeiro e bem sucedido era uma novidade ou algo exótico no meio da intelectualidade brasileira. Todavia, em vários periódicos das décadas de 20, 30 e 40 do século XX, muitas são as reportagens que, ao tratar de intelectuais negros, rememoram René Maran e seu sucesso como escritor que versou sobre sua própria etnia e origem identitária ancestral.

Provavelmente, o intelectual que mais chame atenção ao escrever sobre o escritor negro seja Gilberto Freyre (1900-1987). Jovem estudante em Nova York e correspondente do jornal *Diário de Pernambuco*, em sua coluna “Da Outra América”, do dia 6 de agosto de 1922, ele afirma:

Nem menos interessante que o romance é o romancista. É Maran uma revelação de talento negro. Seu nome é mais um pedaço de cortiça com que tapar á boca a quantos falam da “ingênita inferioridade do negro”, como facto coado pela sciencia e filtrado pela experiência. Pois aqui está um preto de cabelo encarapinhado, rebelde ás caricias do pente fino e da pomada; de lábios grossos e roxos como os d’um escravo núbio num scena théatral das

Mil e Uma Noites; de ventas chatas como as do antropoide da concepção post-darwinista... autor dum grande livro! É um dos primeiros negros, esse Maran, a surpreender o mundo com a excellencia de sua arte. Exemplos de mestiços, não escasseiam. A mestiçagem – é facto que parece apurado – aguça certas qualidades, produzindo talentos exquisitos. O logar comum de que do branco e do preto resulta sempre um typo com as más qualidades de ambos é, como tantos logares-communs – o que prova ser o senso comum mais raro do que se crê – ôco palavrório. Há, como disse, uma fartura de exemplos de grandes talentos e até gênios, negroides. Citarei alguns dos mais familiares, Dumas, Gonçalves Dias, Rubem Dario, o “aleijadinho”, Crespo, Torres Homem, Rebouças, Machado de Assis. Porém mestiços, todos. E sem nenhuma “consciência de espécie”, ou “consciousness of kind” - como diria o sociólogo prof. Giddings – africano. Basta recordar dentre os hybridos mencionados, o poeta maranhense. Nelle – que era mulato – a consciência de hybrido induziu-o, não, como seria natural, a uma saudade africana, porém ao “indianismo”. Dahi as notas falsas, insinceras, de sua obra, que de *indianista* (como a de José de Alencar) o é somente na intenção e no arrevesado dos nomes próprios. René Maran é negro puro e com a plena consciência de sua origem. E si dele vier a florir – como é lícito antecipar – um dos grandes romancistas contemporâneos, que bello exemplo da “ingênita inferioridade do negro”! [*sic*] (FREYRE, 1922, p. 3).

O sociólogo traz à tona as teorias do século XIX, vistas como ciência e ainda vigentes na ocasião, a respeito da inferioridade do negro (SCHWARCZ, 1993). Além disso, critica os escritores negros brasileiros que assimilaram a escrita branca, em vez de se identificarem com uma escrita representacional do seu próprio grupo étnico. A literatura mestiça é denunciada como a falsa expectativa de que não existe racismo na literatura produzida no país à época (ISFAHANI-HAMMOND 2008, p.144). Freyre sublinha a questão do colorismo na população negra e cita Maran como um exemplo a ser seguido no Brasil e alhures. Mais importante ainda, o colunista sublinha o quanto a literatura negra não existia no país enquanto estética de autor negro para população negra. De fato, Freyre considera que Maran não somente é porta-voz afrodescendente, mas também assume com clareza e consciência privada e coletiva sua existência afrodescendente.

Para além dos intelectuais e artistas mencionados até aqui, Paulo Duarte, diretor da revista *Anhembi*, no número 52, em nota de apresentação sobre René Maran, dá a seguinte informação:

René Maran é um grande amigo do Brasil, um conhecedor de sua literatura, que descobriu sozinho. Soube apreciá-la de início, e no momento está tratando de a revelar ao público parisiense através de suas conferências radiofônicas que levam ao interior dos apartamentos de Paris os cantos de Manuel Bandeira e Jorge de Lima. (DUARTE, 1955, p. 449).

Não há indícios de que René Maran tenha lido a literatura brasileira, e muito menos de que tivesse conhecimento de Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Todavia, é verdade que deu muitas entrevistas às rádios, e certamente falou sobre literatura. Apesar de saber que os dois autores brasileiros têm poemas dedicados à questão negra, as traduções existentes em francês são poucas e publicadas em antologias. Se René Maran chegou a ter contato com esses poetas, foi por meio das antologias de poesias brasileiras publicadas na França, já que não sabia a língua portuguesa.

Inclusive, convém mencionar que um dos melhores amigos de René Maran foi o tradutor da língua portuguesa Manoel Gahisto (1878-1948). Por intermédio dele, o autor de *Batouala* esteve em contato com autores portugueses e brasileiros. Gahisto foi responsável por ler as provas do *véritable roman nègre*, bem como grande incentivador de Maran na publicação de sua obra em prosa (SCHEEL, 2021). É provável que, devido à proximidade de Gahisto, que também era escritor, com os autores portugueses e brasileiros, René Maran tenha enveredado pela leitura da literatura brasileira, bem como entrado em contato com o pensamento intelectual brasileiro – parte da vida literária maraniana que ainda carece de estudos.

Batouala no Brasil

É minimamente estranho que um romance que repercutiu tão rapidamente no Brasil ainda não tenha uma só tradução brasileira publicada. Contudo, é possível conjecturar por que esse romance não foi traduzido à época. Inicialmente, sabe-se que o poder e a difusão da língua francesa entre a população leitora no Brasil até o final de 1950 foram um elemento-chave para não se traduzirem muitos livros da língua francesa, visto que a maioria dos leitores tinha o francês como segunda língua de leitura. Logo, nesse contexto bilíngue da *Belle Époque* brasileira, a primeira hipótese é a de que, provavelmente, não haveria necessidade de tradução. Isso se percebe com o exemplo de Gilberto Freyre, que leu o livro em língua francesa – certamente aprendeu a ler francês na escola. Uma segunda

alternativa é a de que, sendo um livro que poderia manchar a reputação da França aos olhos daqueles que a tinham como exemplo de civilização, a tradução seria um ato bastante subversivo. Ademais, o próprio conteúdo – o cotidiano de negros selvagens na “África francófona” – não era algo atrativo para uma sociedade em plena expansão modernista, como o Brasil.

Fato é que o livro, mesmo não sendo traduzido, foi lido e bastante referenciado por intelectuais, fosse para o mal ou para o bem. Como crítica negativa, a fim de exemplificar o tom negligente para com a obra do escritor, lê-se, no *Diário de Pernambuco* de 28 de janeiro de 1922, a seguinte correspondência publicada:

Bilhetes de Paris

O premio Goncourt
Paris, 26 de dezembro

A morte de Robert de Montesquiou, a quem hontem nos referimos coincidiu com a atribuição do premio Goncourt ao romance “Batouala”, de René Maran que é um negro, e não o oculta, o que de resto seria uma dissimulação van a julgar pelas fotografias. O seu volume se compõe de um prefácio e de um romance. O prefacio é ardentemente negrophilo e denuncia com virulência as abominações que os europeus teriam cometido na Africa Equatorial. O romance não nos mostra nenhum desses horrores imputáveis aos brancos em geral e aos francezes em particular: mas nos descreve toda sorte de orgias abjectas e de crimes sinistros em que mergulham os bons negros sem que os europeus tomem parte. Parece assim que a narrativa e o preambulo não se harmonizam muito bem. Mas a despeito da falta de logica, René Maran tem sensações extremamente vivas, com o dom de as traduzir num estylo pitoresco. Percebe-se nelle a influencia do “goncourismo” e o fundador do premio talvez aprovasse a escolha.

Si bem que o livro de Jacques Chardonne “Epithalame” pareça a muitos críticos superior a qualquer de seus concorrentes, não se pode dizer que “Batouala” seja despido de méritos e esteja aquém da honra que lhe acaba de ser conferida.

Maran tem trinta e quatro anos e nasceu na Martinica. Estudou no lyceu de Bordeaux onde, mortos seus paes, os seus dois irmãos estão sendo igualmente educados. É administrador colonial e reside em Fort-Archambaud, na região do Lago Tchad. Não é

o primeiro livro que escreve, já tendo publicado dois volumes de versos “La maison du Bonheur” e “La vie interieur”.

Durante vinte anos, esse “homem de cor” - como se diz dele por cortezia quando não havia mal nenhum em dizer francamente: esse negro – iniciou-se na cultura européa.

Muitas pessoas aferradas a seus preconceitos, perguntarão: então todos os homens serão originalmente eguaes? “Batouala” por si só não basta para o demonstrar. Mas nós podemos prudentemente concluir da leitura dessa obra que todas as raças podem fornecer sêres excepcionaes.

Na medida que a literatura é uma arte de imitação, é acessível a todos os sêres sensíveis, dotados de memoria e capazes de aplicação. Mas há uma outra arte, a que crea, que inventa e que renova. Não pertence a nenhum juiz proclamar os méritos de quem de repente pratica essa literatura. Porque o gênio de um autor não se revela senão quando a obra está terminada.

“Finis coronat opus...”

Quanta gente ainda hoje existe para quem a gloria tardia de Stendhal e de Flaubert parece ainda suspeita? [sic] (BILHETES..., 1922, p.1).

Esse comentário despreza consideravelmente tanto a obra quanto o autor. Há um desprezo pelo Prêmio Goncourt e uma tentativa de dizer que o anúncio de Maran como ganhador quebra a tradição francesa de literatura – de homens brancos que falam de assuntos da metrópole civilizada. A questão do racismo também é tratada nessa carta, visto que se põe em dúvida a competência do escritor por ser um homem negro e também pelo seu tipo de escrita narrativa, fundamentado na técnica africana de contar histórias. Além disso, o autor considera que Maran escreveu muitas cenas eróticas e violentas; a seu ver, elas eram ações escolhidas por livre e espontânea vontade dos personagens. Por fim, o narrador da carta não identificada questiona se começar a aceitar tal literatura negra não seria o início de um fim da literatura escrita em francês (branca e europeia).

Há de se levar em conta que parte das críticas direcionadas à obra de René Maran, no calor do momento da publicação, está diretamente ligada à incompreensão dos intelectuais das Letras à época. Não se entendia a forma como o escritor negro narrava, tampouco as questões coloniais e raciais, relacionadas intrinsecamente à população negra africana. Além disso, a ideia de colonialismo, como comportamento e pensamento ideológico, foi anunciada pela primeira vez

por Maran. Um dos exemplos mais pungentes é o texto do ensaísta Aurélio de Limeira Tejo, publicado 1935 na *Revista Brasileira*:

Ainda me lembro do barulho que fez “Batualá”. A fama de René Maran atravessou os muros do meu internato e chegou até nós como a notícia de um sacrilégio. Ainda não entendíamos as cousas muito bem. Não entendemos, assim, o que se dizia da obra do escritor negro. Apenas percebíamos ser o livro uma espécie de bomba que houvessem sacudido dentro de uma igreja. Somente não duvidávamos de que deveriam ser mesmo muito estranhas as idéas desse poeta de uma África infeliz. Sem o entendermos, todavia, nos preocupou muito o barulho de “Batualá”. E Maran, na falta de representar para nós um paladino, um campeão de nobre causa, foi aos poucos enchendo a nossa vida com o mistério suave de um herói lendário de alguma história que já devíamos ter esquecido há muito tempo... Não li “Batualá” nesse momento. Às primeiras páginas cansei logo. O livro estava ainda muito distante da minha compreensão. E só depois que fui entendendo as cousas estranhas das terras estranhas, só depois que compreendi toda a tragédia dos caçadores de marfim, dos “faiscadôres” de diamantes nas areias fabulosas dos rios fabulosos, dos pescadores de pérolas, e dos bandidos do deserto, dos derrubadores de madeira no coração misterioso das selvas virgens, é que alcancei a intenção misteriosa do livro de Maran. O imperialismo branco estava destruindo todas as lendas de felicidade das populações ingênuas que enchiam de cantos, de dansas e de guerras heroicas, a vida miraculosa do continente negro. “Batualá” foi, então, um marco bem vivo no meu caminho para um sentimento de solidariedade. [*sic*] (TEJO, 1935, p. 269-270).

Sendo a intelectualidade artística, pensante e cultural brasileira em sua quase totalidade branca, compreende-se que entender a questão de ser negro colonizado era um problema ainda não debatido abertamente entre os brancos. É nessa direção que Gilberto Freyre, ao iniciar sua resenha sobre *Batouala*, afirma:

Continua ser nota de sensação o romance de René Maran, *Batouala*. Acabo de percorrer-lhe, quase numa só leitura, as cente e oitenta páginas, em ténue brochura que me emprestou um amigo francês. Um encanto, o romance. Há nelle colorido, gosto, um não sei quê de fructo exótico. Dispuz-me a ler *Batouala* com uma tal ou qual desconfiança. Temia um livro de propaganda. Vã a suspeita, felizmente. No ar. René Maran o artista deixa á distancia o propagandista.

Recorda, neste respeito Turgenev. O que o romance de Maran faz é pegar do vivo a vida africana, a do seio do matto bravo, ainda não europeizada – vida de crianças grandes, agindo só por instinto e por associação de idéias. Si põe a nû, a sangrar ao sol, as chagas que vae abrindo entre a gente primitiva, o igenuo de Oubaugui-chou (Africa Equatorial Francesa), a intrusão victoriosa do europeu, fal-o sem berrar, ao fim de cada página, um “j’accuse”! O “j’accuse”, vigoroso contra a civilização, “orgueil des Européens, et leur chernier d’innocents”. E mais adiante: “Tu n’es pas une flambeau mais une incendie. Tout ce a quoi tu touches, tu le consumes...” Porém isto, repito, no prefacio. Começando o romance, sem se impessoalizar de todo como quizera Flaubert, e como o próprio Maran o pretende (“ce roman d’observation impersonnelle”, escreve ele no prefacio), cessa o romancista de ser a vos sonante duma dôr. É a própria dôr que ele deixa falar, como certos mendigos por cuja miséria fala a boca aberta de suas gangrenas. O estylo de Maran é claro e incisivo. Conseguiu o romancista negro fazer suas, aquellas qualidades de clareza e “mesure” que tanto attrahiam o grande talento verbal de Nietzsche á bela prosa franceza. Mas o estylo é o homem, como vem dito e repetido desde – já me esquece desde quem – e ha no René Maran algo delle próprio, muito delle, muito pessoal, que não foi de modo nenhum aprendido á força de penosos exercícius de rhetorica. Aqui está, por exemplo, a paisagem da Africa Equatorial pegada no fim vermelho dum dia: “Le soleil a presque disparu. Il ressemble, tout il est rouge, á la fleur enorme d’un enorme flamboyant... Alors, de larges rayures ensanglantèrent l’espace. Teintes dégradées, de nuances á nuance, dégradée, de nuance á nuance, de transparance á transparence, ces rayures dans le ciel immense s’égarents. Elles mêmes, nuances et transparences, s’estompent jusqu’a n’être plus.” Isto está admiravelmente dito. Teria feito tremer de goso os nervos daquele estheta de “nuances” que foi Paul Verlaine. E é dum negro. E dum negro puro – um negro de nariz tão chato que a gente se espanta de ver nelle fixado, como por milagre um pince-nez respeitável. [sic.] (FREYRE, 1922, p.3).

Em sua crítica ao romance, Freyre mostra o quanto ficou surpreso com o texto a partir de seu prefácio. Comparado aos romances franceses já conhecidos pelo sociólogo, o romance de Maran trazia algo de desconhecido, até então ainda não experienciado pelo brasileiro. As descrições, pontos fortes da diegese do romance, arrebatam o pensador brasileiro. O estilo retórico de Maran é igualmente considerado singular e admirável. O ensaísta brasileiro termina sua resenha sobre *Batouala* com as seguintes palavras:

Da sua cathedra, na Universidade de Columbia, proclama meu mestre, o professor Franz Boas, que “nós (os estudiosos de anthropologia) não sabemos da exigencia alguma da vida moderna, physica ou mental que se possa demonstrar com evidencias anatômicas e ethnologicas, estar acima da capacidade do negro”. É verdade que para a massa de cidadãos norte-americanos o prof. Boas é uma “vox clamantis...” no deserto de Arizona, aonde ele passa seus verões estudando os índios de Pueblo... René Maran acaba de mostrar, incisivamente, triumphalmente, em “Batouala”, que o escrever de bons romances não é o monopólio de ruivos europeus. Nem de “snobs” cá das Américas, como o sr. Graça Aranha... E cingindo com os louros do “prix Goncourt” o autor dolicocephalico de Batouala, deliberadamente ou não, saudaram no individuos finos juízes parisienses, as belas possibilidades artísticas da raça negra. (1) (1) Já depois de escriptas estas notas um jornal me traz a espantosa notícia: a venda de “Batouala” em França é de cerca de 800 exemplares por dia! [sic] (FREYRE, 1922, p. 3).

Ao terminar o artigo, Freyre evidencia o antropólogo Franz Boas (1858-1942), considerado pai da antropologia americana, mas igualmente defensor árduo do trabalho de campo para poder descrever, com mais detalhes, determinadas populações observadas. Essa evidencia não é aleatória; o sociólogo implicitamente menciona que o romance maraniano é um romance antropológico, de vivência com a comunidade ali descrita e referida. Ademais, o autor de *Casa-Gande e Senzala* menciona um dado curioso das vendagens do romance na França: sucesso inigualável à época.

Interessante notar que *Batouala* receberá uma tradução a ser publicada somente nos anos 1930. Tal informação é anunciada pelas orelhas de livros e pelas páginas de propagandas das traduções das Edições Livraria Cultura Brasileira:

Próximas publicações: René Maran – “Batualá” (Premio Goncourt de 1921) – o Mesmo sucesso que vae assinalar o aparecimento de “Djumá, cão sem sorte”, ha de festejar “Batualá”, o romance com que René Maran conquistou o premio Goncourt. A Livraria Cultura Brasileira presta ao grande publico leitor inestimável serviço, colocando “Batualá” ao seu alcance. Traducção de Aristides Avila, o traductor de “Djumá”. (MARAN, 1934, p.240).

A nota informa que *Batouala* não foi o primeiro livro de Maran traduzido no Brasil e que houve uma tradução encomendada pela Livraria Cultura Brasileira.

Entretanto, até o presente momento verifica-se que essa tradução nunca foi, de fato, publicada. Assim sendo, *Batouala* continua ainda sem tradução brasileira.

A tradução de *Djumá, cão sem sorte* (1934)

Diversos jornais e revistas da década de 1930 do século XX anunciam, com entusiasmo, a primeira tradução de um romance de René Maran. O anúncio sempre é feito com remissão a *Batouala* e, de alguma forma, enaltecendo o feito. *Djouma, chien de Brousse* foi publicado na França em 1927 pela mesma editora do primeiro romance maraniano: Albin Michel. No Brasil, o romance é traduzido por Aristides Avila, tradutor profissional e extremamente conhecido no meio editorial paulista, com o título *Djumá, cão sem sorte*, e publicado em 1934 pela editora Livraria Cultura Brasileira. Já na orelha, encontra-se o seguinte texto a fim de instigar o leitor:

Como vivem os negros na Africa, sob o regime colonial? Eis uma pergunta, cuja resposta o leitor encontrará nas páginas de “Djumá, cão sem sorte”. Até aqui, nós temos lido muita coisa a respeito dos negros, escripta pelos brancos. Pela primeira vez, um africano puro escreve o drama silencioso e pungente da sua própria raça. René Maran, o autor de “Batualá”, faz o processo do regime a que os brancos civilizados submetem milhões de pobres desgraçados pelo crime de terem nascido com a pelle tisonada. René Maran é o Castro Alves negro. Todo o ambiente bárbaro da Africa virgem passa diante dos nossos olhos deslumbrados, porque a arte de Maran dá ás suas descrições e evocações o mais sugestivo relevo. Seu estylo movimentado, sonoro de onomatopéas, foi fielmente mantido por Aristides Avila, cuja tradução pode ser tida por impecável. A Livraria Cultura Brasileira, presta, assim, um grande serviço ás nossas letras, enriquecendo-as com um trabalho de tradução que permittirá á maioria dos leitores saborear em vernáculo o grande romancista negro de “Batualá”. (MARAN, 1934, orelha do livro).

A tradução de René Maran parece inaugurar, na História Literária brasileira e na História da Tradução Literária no Brasil, uma vertente nova, até então ainda não desvelada: a tradução de discursos negros, de autoria negra. Não somente a editora exaltava tal feito, como também inúmeros trechos de artigos, anúncios, classificados e propagandas de periódicos da época. Sabe-se que, nesse período, a articulação da imprensa negra já existia e que havia igualmente literatos negros

que escreviam sobre a população negra em vernáculo. Contudo, a tradução de um autor negro francês com discurso sobre o negro era um fato inovador para as Letras Brasileiras, como se pode constatar no final do prefácio da edição:

O que há de novo na obra de Maran, apesar de vivermos num paiz de influencia negra, é que pela primeira vez nos é dado ler alguma cousa realmente sincera, profunda e original sobre essa raça martyrisada, não escripta por branco. Porque os brancos monopolizam de tal sorte os direitos dos negros, que lhes tem negado até a faculdade de transmitir ao papel suas recalçadas angustias e dilacerantes afflicções. No Brasil, o maior advogado dos captivos, aquelle que se fez interprete dos seus incomportáveis tormentos, Castro Alves, não era negro. (AVILA, 1934, p. 12).

Essa tradução significava muito no mercado livresco brasileiro. Como o francês perdia espaço para o inglês, e a política linguística de leitores de línguas estrangeiras já não era a mesma do início do século XX, a tradução significava uma política de acesso ao conhecimento estrangeiro, bem como uma manutenção do monolinguismo da língua portuguesa. Vale ressaltar que a leitura em língua estrangeira sempre foi uma política cultural da elite, espaço até então ocupado por pouquíssimos negros e com resquício de anos da escravização e do racismo estrutural.

No periódico *O Jornal*, em uma nota publicada sobre a tradução de Djumá, afirma-se que:

O livro do escritor negro René Maran, “Djumá”, cão sem sorte”, de que o sr. Aristides Avila acaba de fazer uma excelente tradução, é um romance de feição inteiramente nova para o publico brasileiro. Maran é detentor do premio “Goncourt” de Literatura franceza. A sua maneira de escrever é toda própria, pintando com uma arte profundamente africana, embora Maran escreva em francez – a paisagem, os homens e as coisas. Este livro obedece ao espírito que preside á feitura de toda sua apreciada obra. “Djumá”, um pobre cão, cuja biografia forma a melhor parte do livro, é o personagem principal; cão de sentimentos e olhos humanos, vae observando, desapercibido no seu canto, a vida que se desenrola no meio em que vive. A vida dos negros escravizados pelos brancos, e todos os horrores dessa escravatura, passam diante dos nossos olhos como quadros feitos por um novo Castro Alves, num outro “navio negreiro” mais actual e mais humano. “Djumá, cão sem sorte” é vasado num

estylo que surpreende, cheio de onomatopeas, de. Cantos e de gritos selvagens, cheio de aromas fortes e de sol. A tradução portuguesa soube conservar todas as belezas do original. Edição da Livraria Cultura Brasileira, de São Paulo. Capa artística do desenhista Badenes. [sic.] (LIVROS..., 1934, p. 6).

O autor ressalta o quanto o público brasileiro ainda desconhece as técnicas narrativas africanas utilizadas por René Maran, exalta igualmente o estilo descritivo realista do autor e enquadra o imaginário do cão. A perspectiva de um personagem cão, observada em toda a narrativa, é algo que conquistou os leitores do Brasil. Inúmeras referências a esse imaginário do cão serão feitas diversas vezes nos jornais, por exemplo, este comentário, publicado no *Diário da Manhã*, na secção Página Literária, em 25 de novembro de 1934: “Djumá, cão sem sorte... Vira-lata africano que René Maran tornou internacional... Minhas palpebras vão ficar pesadas... Uma e pouco da madrugada. Por que estarão latindo tanto, esses cães ahi na rua?” [sic] (BRAGA, 1934, p.19). Inclusive em artigos de teor científico sobre o tema dos animais domésticos, o imaginário do cão criado por Djumá será rememorando até uma década depois, por exemplo, na reportagem intitulada “Os animais domesticados pelos índios”, escrita por Augusto de Castro no *Jornal do Commercio* em 13 de dezembro de 1942, em que se discute como o cão foi incorporado à cultura indígena⁴.

Fato bastante interessante, que talvez tenha relação direta com esse imaginário do cão internacionalizado pela obra de Maran, é que, em 1938, o escritor brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953) publica *Vidas Secas*⁵. Dentre os personagens do romance, há um cão. Jayme de Barros, importante escritor e crítico literário pernambucano, leitor e produtor de literatura sobre as questões raciais (PEREIRA, 2019), escreve, no mesmo ano da publicação de *Vidas Secas*, uma resenha sobre a obra. Ela se intitula “O ultimo romance de Graciliano Ramos” e foi publicada no *Diário de Pernambuco* em 21 de agosto daquele ano. Ao analisar o personagem animalesco, Barros (1938, p. 17) assevera:

Um dos personagens mais vivos e humanos do romance do sr. Graciliano Ramos é a cachorra Baleia, que quando apanhava tinha instintos revolucionários. Ella faz lembrar o cachorro que René Maran, famoso escritor negro, tomou para thema central o romance a quem deu o seu nome: DJUMÁ,

⁴ Confira Castro (1942).

⁵ Confira Ramos (1995).

CÃO SEM SORTE. Esse livro de René Maran deve ter sugerido ao senhor Graciliano Ramos a admirável criação de Baleia, que era como que “uma pessoa da família” de Fabiano. Em VIDAS SECAS, Baleia intervém a cada momento nos episódios da vida de Fabiano, Sinhá Victoria e dos filhos do casal. O sr Graciliano Ramos, tal como René Maran, empresta-lhe sentimentos, impressões e até raciocínios. Quando um dos meninos apanha, a cachorra tenta “minorar-lhe o padecimento saltando em roda e balançando a cauda”. Embora não estivesse alegre, “também não podia sentir uma dôr excessiva”. Por vezes chegava a aborrecer-se com o barulho que Fabiano fazia. Como Mbimê, do livro de René Maran, lembrava-se de suas caçadas, bem como de “belas aventuras amorosas”. Djumá, “pequeno cão russo, de orelhas pontuadas”, em que o romancista negro resumiu e symbolizou todo o sofrimento de sua raça, escravizada, realiza no seu livro extraordinárias façanhas, observando, meditando, até mesmo criticando. O episódio de sua morte estripado por uma grande manada de Javarys, não é menos doloroso do que o de Baleia. Apenas enquanto sobre o cadáver desta descem os urubus, sobre o corpo de Djumá caem os gaviões: “De repente, do alto do céu, em linha recta, os gaviões caíam sobre ele. E, sem cessar de grasnar, saltitantes, os imundos animaes disputaram, a picadas, sua substância... E quando abriram vôo, para os rubros clarões do sol potente, de tudo o que fora Djumá, cão, nada mais restava que uma ossada anonnyma. A caatinga vingara-se. Seu filho havia desertado. Ella, porém, o reconquistou de um modo brutal e selvagem” ... Na verdade, as páginas mais pungentes do livro do sr. Graciliano Ramos são as em que descreve a morte de baleia, chumbada por Fabiano, que a julgava ameaçada de raiva.

Essa crítica ao romance de Graciliano Ramos, no calor da publicação de *Vidas Secas*, parece mostrar o quanto o escritor francês ecoou na obra do escritor brasileiro. Ramos nunca disse nada a respeito, porém o contexto da publicação, em meio ao efervescente imaginário do cão maraniano nesse tempo, é um forte indício de uma refração literária. Talvez, a única diferença que haja na atualidade é que o imaginário de cão maraniano foi substituído pelo imaginário de cão de Ramos – elemento imaginativo que não existia antes de René Maran.

Conclusão

Em 1955, tem-se notícia da última tradução publicada no Brasil de René Maran. Trata-se do texto “Escritores franceses de cor”, publicado na *Revista*

Anhemi, periódico dirigido por Paulo Duarte⁶. Dessa época em diante, há um esquecimento do autor francês negro. É notório que, mesmo na universidade, ele não alcançou espaço; seu itinerário se deu por espaços literários não acadêmicos. A partir do histórico apresentado aqui e das fontes periodísticas encontradas, pode-se constatar que a figura pública e a obra literária de René Maran não passaram despercebidas em meio à *intelligentsia* literária, artística e intelectual brasileira. Como já mencionado, Maran teve contato em Paris com artistas brasileiros, bem como com a literatura brasileira traduzida na França à época.

Sua obra *Batouala* ecoa como um ato de superação e reconhecimento da personalidade negra – ainda enfrentando os discursos de inferioridade intelectual do Ser Negro. Sua criatividade, suas vivências africanas e sua técnica narrativa foram alvos de admiração, bem como de desafio no que tange à aceitação do público e dos intelectuais brasileiros. *Djumá, cão sem sorte*, apesar de ser uma continuidade de *Batouala*, repercute no Brasil, especialmente com relação ao imaginário animalesco – antes não tão desenvolvido como na obra maraniana.

O estudo de autores como René Maran e sua relação com o Brasil leva a questionar quais caminhos literários a francofonia brasileira tem percorrido. No caso desse escritor, houve um total apagamento, após anos de reconhecimento. Reatualizar a sua importância e sua obra, em um país cujo percentual da população negra é considerável, significa, epistemologicamente: reafirmação da língua francesa, em especial da literatura de expressão francesa, como uma ferramenta democrática de encontro de culturas; valorização de saberes e alteridades; bem como um meio de (auto)(re)conhecimento identitário. Dar prestígio a uma literatura pertencente a um grupo étnico minorizado historicamente é exercer uma francofonia ética, real e humanizada no Brasil.

ECHOES OF RENÉ MARAN IN THE BRAZILIAN INTELLIGENTSIA (1921-1955): CONTACTS, RECEPTION AND TRANSLATION

ABSTRACT: *René Maran was the first black man of letters to achieve success in the French language. His fame and works echoed in Brazil at the beginning of the 20th century, but were later forgotten. Considering this fact, the present paper intends to show how the repercussion of the black writer took place in Brazil, as well as highlight his legacy. This way, we present René Maran's relationship with the country's intelligentsia, how the reception of the work Batouala (1921) occurred, and how the author's first*

⁶ Confira Duarte (1955).

Ecoss de René Maran na *intelligentsia* brasileira (1921-1955): contatos, recepção [...]

Portuguese translation – Djumá, cão sem sorte (1934) – was received. This paper aims, therefore, to evoke how a democratic literary francophony can be a more ethical path.

KEYWORDS: René Maran. Brazilian Intelligentsia. Reception. Contact. Translation.

REFERÊNCIAS

AMARAL, T. Recuerdos de París. In: AMARAL, T. **Tarsila do Amaral**: catálogo da Fundación Juan March. Madrid: Fundación Juan March, 2009. p. 48-51.

AVILA, A. Prefacio. In: MARAN, R. **Djumá, cão sem sorte**. Tradução Aristides Avila. São Paulo: Livraria Cultura Brasileira, 1934.

BARROS, J. O ultimo romance de Graciliano Ramos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 21 ago. 1938. p.17.

BIBLIOTECA Nacional Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/>>. Acesso em: dez. 2021.

CASTRO, A. Os animais domesticados pelos índios. **Jornal do commercio**, Rio de janeiro, 13 dez. 1942. p.3.

BRAGA, N. Cães em desfile... **Diário da manhã**, Victória, 25 nov. 1934. Página literária, p.19.

BILHETES de Paris. **Diário de Pernambuco**, Recife, 28 jan. 1922. Telegramas, p.1.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, 30 nov. 1923. Varias, p.3.

DUARTE, Paulo. Nota 1 de Escritores franceses de cor. **Revista Anhembi**, São Paulo, Ano V, n.51, v. XVII, p. 449 – 456, 1955.

FREYRE, G. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, Recife, 06. ago. 1922. p.3.

ISFAHANI-HAMMOND, A. **White Negritude**: Race, Writing, and Brazilian Cultural Identity. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

LIMA, N. D. de C. **Paul Poiret**: o fim da moda e as mudanças de pensamento do começo do século XX. 2019. 146f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

LIVROS Novos. “Djuma, cão sem sorte – René Maran”. **O jornal**, Rio de Janeiro, 13 mar. 1934.

MALELA, B. B. **Les écrivains afro-antillais à Paris (1920-1960)**: stratégies et posture identitaires. Paris: Karthala, 2008.

MARAN, R. **Djumá, cão sem sorte**. Tradução Aristides Avila. São Paulo: Livraria Cultura Brasileira, 1934.

Dennys Silva-Reis

MARAN, R. **Batouala**. Véritable roman nègre. Paris : A. Michel, 1921.

PEREIRA, J. B. Escritura e Memória: A Troia Negra de Jayme Griz. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 50, p. 49–57, 2019.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 69.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

SCHEEL, C. W. René Maran : genèses de la première édition (1921) de *Batouala, véritable roman nègre*, et de sa préface. **Continents manuscrits**. n.17, 2021. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/coma/7748?lang=en>>. Acesso em 26 dez. 2021.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TEJO, L. “Djumá”, Cão sem sorte. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, p. 269-270, 1935.

